

# ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA



LIEIEUX — Capela do Convento do Carmo, onde viveu Santa Teresinha

Braga, 24 de Março de 1928

DIRECTOR E EDITOR,  
*Joaquim Antonio Pereira Villela*

NUMERO 316 — ANO VII

PROPRIEDADE DA EMPREZA  
DA «*Illustração Catholica*», L.da

Composta e impressa na tipografia da «PAX» — Braga

## Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

### PORTUGAL :

Ano. . . . .	60\$00
Semestre . . . . .	30\$00
Trimestre . . . . .	15\$00

A cobrança feita pelo correio tem o augmento da respectiva despesa

### COLONIAS :

Ano. . . . .	64\$00
Semestre . . . . .	32\$00
Trimestre . . . . .	16\$00

### ESTRANGEIRO :

Ano. . . . .	80\$00
Semestre . . . . .	40\$00
Trimestre . . . . .	20\$00
Numero avulso . . . . .	1\$50

*Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á  
Administração da ILLUSTRACÃO CATHOLICA — BRAGA*

Telefone, 212

Automoveis e  
Camionetes

# Rugby

Os carros preferidos pela sua elegancia e  
modicidade de preços



STAND RUGBY

Avenida da Liberdade, 32



## BRAGA

### LIMA, FILHO & C.<sup>A</sup> L.<sup>DA</sup>

Grandes Armazens da Caixa de Crédito Bracarense

Rua 5 de Outubro, 48 a 56

Telefone 31 (1.º andar)

:: BRAGA ::

Operações de Credito — Compra e venda de todos  
os artigos — Ourivesaria e Relojoaria  
Deposito de Maquinas de costura. Fazendas de  
lã e algodão, fato feito etc. Especialidade  
em CAPAS ALENTEJANAS

### Tintos para Igreja

147 — Rua da Cruz de Pedra — 151

BRAGA

A mais antiga tinturaria de Braga, usando  
dos processos mais modernos, presta-se a sat-  
isfazer qualquer encomenda para tingir quais-  
quer objectos proprios para Igreja, tais como,  
paramentos, cortinados, etc. Tambem tinge  
vestidos de senhora e fatos para homem. Sa-  
tisfaz qualquer encomenda pelo correio.

Pedidos a Manuel José Gomes, Sucessores



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

REVISTA LITTERARIA SEMANAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA

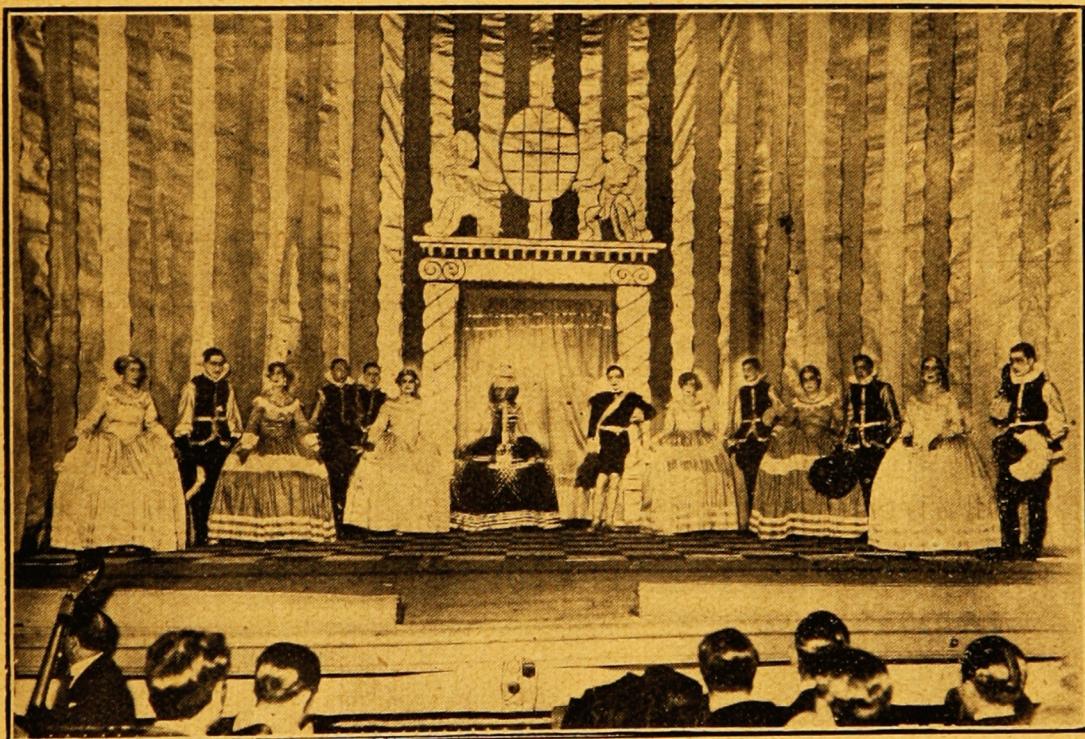
Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º  
Propriedade da Empresa «Illustração Catholica», Limitada

Braga, 24 de Março de 1928

Composta e impressa na Tip. da «PAX»  
BRAGA

Anno VII — N.º 316



BRAGA. — Os personagens de «Figuras de Velazquez» quadro levado à scena em beneficio da Creche e repetido na presença do sr. Ministro do Interior.

(Foto «Chic» de Alberto Marques)

Não simpatizamos com as frases feitas e os narizes-de-cera. E hoje falar do renascimento católico, do regresso à Igreja, do triunfo do espiritualismo é já, um logar comum. Desde que há uns quatorze ânos iniciamos esta publicação, o regresso à Igreja, então mal delineado, acentuou-se cada vez mais, e a mocidade, sôbretudo, tocada por um sôpro de misticismo e espiritualismo que depois da guerra adquiriu maior pujança, tem-se afirmado, sem o menor rebuço, cristã, católica, mesmo piedosa.

Registam os jornais noticiosos que em vários centros académicos do país os rapazes se tem preparado para a comunhão pascal com tríduos de práticas mais ou menos semelhantes aos exercícios, deveras vulgarizados já. Em várias cidades se procedeu assim, e em Braga o Grupo Académico Arnaldo Lamas está realizando neste momento essa preparação, para a sua comunhão pascal, que vai efectuar amanhã, 25 de Março, domingo da Paixão.

Não nos toca entrar na pormenorização desses actos piedosos da simpática associação de jóvens académicos. Transportada para as descrições da imprensa perde um pouco da sua íntima fragrância, a sua devoção vibrante e sincera, a sua comunhão pascal.

Registámo-la, porém, enternecidamente, como sintoma evidente do renascimento católico a que aludimos e que vem conquistando gradualmente tôdas as camadas intelectuais. Frizamos ainda esta designação, intelectuais, pois bêm sabemos qual o único perigo dêste auspicioso renascimento, que êle, fazendo-se à custa sômente de um exacerbamento de misticismo da vontade, não seja acompanhado de poderosa illustração do entendimento.

A prestimosa acção do Grupo Académico Arnaldo Lamas não tem êsse perigo, dirigido como vai — nessa parte importantíssima do seu programa pelo sr. dr. Fontes, cuja disciplina mental rigorosíssima é uma garantia de sábia orientação.

Serve-nos, porisso, a festa de hoje, — a festa pascal do Grupo Académico Arnaldo

Lamas, de ensejo e oportunidade para nos referirmos, em breves palavras que seja, à incansável actividade dessa instituição que na mocidade estudiosa bracarense, há muitos ânos vem realizando uma oportuna interferência, guiando a sua formação religiosa, moral e cívica.

Como instituição, deve-se o Grupo ao zêlo do saudoso e malgrado P. Arnaldo Lamas, cujo nome adoptou, num lindo rasgo de gratidão. E' dos primeiros núcleos de acção da mocidade cristã no país, coevo do C. A. D. C. de Coímbra, cujos passos seguiu de perto.

Como pensamento e acção, o Grupo é, em certo modo anterior ao próprio P. Lamas, por que na Associação Católica de Braga, — em tudo primás — desde o princípio da sua vida social se dedicou à formação da mocidade, animando os seus estudos religiosos e ensaios de alta cultura e auto didactismo. O P. Arnaldo Lamas, organisando pela primeira vez um Grupo Académico, seguiu tradições que já existiam no seio da Associação Católica, e deu corpo, consistência, e perpetuabilidade a uma obra até ali fragmentária, mas que prendera alguns espiritos scintilantes como o de Almeida Braga, em vários aspectos percursor da generosa iniciativa do P. Arnaldo Lamas.

Actualmente o Grupo funciona em instalações independentes no Salão Recreativo e além do afável convívio e honestas diversões, conta entre os seus meios de acção uma intensa e sôbre tôdas louvável, instrução religiosa, díspartida por um Curso preliminar, para os mais jóvens, em que é ministrada pelo R. P. Portela, e um Círculo de Estudos para os mais adiantados em que o R. Dr. Ferreira Fontes dirige o estudo dos jóvens.

E' portanto digna de maior aplauso a juvenil associação académica, que hoje, com exercícios de devoção apropriados está a preparar a sua comunhão pascal. Assim a seu exêmplo, os novos, os rapazes, saibam unir a Pátria, numa indissolúvel comunhão com Deus, último fim das sociedades!



Na Braga religiosa, pacata de há trinta anos, a quadra quaeresmal constituia um verdadeiro acontecimento na vida cidadina, com os seus lausperenes e procissões, suas pompas litúrgicas na velha catedral, seus conegos, prebendados e coreiros na pratica faustosa do ritual solene, com o *Enxota-cães* garrido em baetão vermelho, tremidinhos e melodias de orquestra mundana, sob a egide dos velhos Esmerizes.

Era uma verdadeira festa para nós — ai de nós! — garotelhos desse tempo a contas ainda com o *B A BA* essa alvoroçada quadra no ategoso do *farricocos*, do *Ruge-Ruge*, sonhando apenas no dia solene em que qualquer de nós levasse o guião dos Santos Passos, em arreganhada pimponice pelas ruas da cidade, na prova suprema da valentia, ou as festas da Sé, na tarde do *Lava-pês* com o Senhor Arcebispo de vestes solenes, ou conegos no seu me-

apostolo, na sua reputação de bondade e de virtude, e a sua figura avolumava, erguia-se na aureola do seu divino ministerio. Quantos de nós à primeira desilusão, escutamos o conforto da sua palavra, reanimamos ao calor do seu conselho!

Conheci-o depois, estimei-o, e vastas vezes catturamos, que o seu espírito era folgazão e não perdoava um remoque na loja da casa onde sempre viveu, naquele largo estreito fronteiriço à infançona moradia dos Prelados, em frente do Santo Passo que fora meu enlevo, quando os mercadores e ourives da *Galeria*, o adornavam de armações vistosas, o embincavam com um jardim que era gaudio e deslumbramento da minha adolescencia.

Depois... tempestades politicas desencadearam-se sobre a pacata Braga, e o destino afastou-nos para sempre. Mas o apostolo não esmorecia na sua tarefa piedosa e nos Remedios, o velho templo franciscano que uma bris inc onoclasta, — pronuncio de futuros vendavais — impiedosamente arrazou, no

Populo, a suntuosa igreja dos conegos agostinhos onde se acolheu, a sua obra de piedade prosperava, fortalecia-se, ao calor da sua iniciativa potente, da sua virtude sem quebra, da sua bondade sem limites.

Muitos anos rodaram pela face do tempo sem que eu visse o amigo querido, quando este ano, certa manhã outonica, divisei na curva dum caminho sertanejo, aquela figura excelsa de apostolo, já corcovada, mal enchendo a batina negra, a face amarelecida, na cor desbotada da carne que se fina, apenas alimentada por um clarão interior, por uma chama íntima, que parecia vazar a epiderme numa scentelha dessa luz divina, que pelo espírito o faria viver.

Caminhava, ladeira acima, para a pequena igreja de Nogueiró, onde habitualmente ia celebrar, para as velhinhas da Regeneração, a sua missa votiva, sempre que a familia o arrastava para o sossego do campo; e na luz enternecida da manhã, o bom Padre Luís, subindo, na cadencia nervosa do seu andar incerto, a costa pedregosa, dizia-nos como a sua vida foi sempre uma calma e radiosa ascensão para a Montanha sagrada onde agora vai repousar...

Que a sua alma de santo nos ajude a subir tambem...

José de FARIA MACHADO.



O verdadeiro rico é aquele que não quer nada porque nenhuma coisa lhe falta.

A porta certa da riqueza não é acrescentar a fazenda, se não diminuir a cubiça.

\*

O dominio do mundo não consiste em o possuir consiste em o pizar, não querendo dele nada.



BARCELOS. — Um aspecto da vila e ponte sobre o Cavado.

lhor luxo, o velho Faria, o servo do Sacramento, de garnacha e capa carmezim, bicorne negro, numa featural magestade. E nessas celebrações uma figura esvelta de sacerdote dominava a imaginação do rapazio, com a sua batina roxo-violeta de cerimonia da Mitra, nervoso, vivo, mechido, mandando, dispondo, como dono e senhor daquela solene e complicada engrenagem litúrgica — o Snr. Padre Luís, que nós conheciamos das predicas na Santa Infancia, ou repartindo *santinhos*, nas tardes de catequese, no sombrio templo do Seminario.

Para a nossa adolescencia cega, ele era o tudo daquele fausto, daquele ceremoniar, que tanto nos agradava e que nos arrastava para a velha Sé, atulhada do que havia de melhor na cidade, as suas naves laterais convertidas no prazo dado das *élites* cidadinas.

Na cidade, na diocese essa linda figura de Apostolo que para sempre, há dias, ascendeu à gloria divina, já era respeitada, querido, pelas suas altas virtudes, mas esse santo e bom Padre Luís, querido dos fiéis, honrado no Paço, respeitado e bemquisto no seu meio, para nós, era apenas, perdoem a infantil herezia, o grande encenador de toda aquela pompa litúrgica, que tão poderosamente imperava na nossa imaginação.

Depois, pela vida fóra, o homem das *festas* crescia no nosso espírito na sua obra piedosa de

## Faltam Anjos no Céu

... foi de repente, a Maria do Carmo; nem se despediu de nós...

(Duma carta)

Tão apressado o Céu nol-a chamava  
À nossa doce e cândida Maria,  
Que nem pela doença a preparava  
Nem tempo dum adeus lhe consentia.

Partindo sem dizer porque partia,  
Sem nos contar a mágoa que a levava,  
Trocou a nossa casa escura e fria  
Por Quem d'entre as estrêlas lhe acenava!

Faltam Anjos no Céu? Senhor: possues  
Todo o Infinito! sóis! plagas azuis!  
Maravilhas de côr! frémitos d'asa!

E não deixaste — a quem é tão pobrinho! —  
Êsse brando luzeiro pequeninho  
Que fôra todo o Céu da nossa casa!

Porto  
II - 928

TEIXEIRA PINTO.

## TRECHO

(duma carta inédita)

A meu Padrinho,  
P. Silva Gonçalves.

... Seguindo de Poeta o fado  
que Deus vos deu, ao nascer,  
começastes por colhêr  
simples *Boninas do Prado*.

Dois ânos mais tarde, então,  
por vossa vontade, foi-vos  
para as *Perpétuas e Goivos*,  
parte da vossa atenção.

Sonhastes... E, num clarão  
de luz divina, (não mintó)  
fizestes, o que ainda sinto,  
dentro de *O meu Coração*.

Arroubado, num embalo,  
buscastes nos Livros Santos  
essa pérola de encantos,  
— *A Castelã de Magdalo*.

Com olhos de bom romeiro  
presos à Estréla Polar,  
fostes, um dia, cantar  
às alturas de *O Sameiro*.

Sem temor, em praça pública,  
vós fostes um dos primeiros  
a causticar *Verdadeiros*  
*Inimigos da República*.

Apontando para os Céus,  
que nos chamam a distância,  
provastes quanta fragrância  
ha nas *Delícias de Deus*.

Nas *Sirtes* destes-nos tôda  
a vossa alma ferida  
pelo cinismo que enloda  
e conturba o mar da vida.

Depois, n'*A Samaritana*,  
desvendais, com raro geito,  
o símbolo mais perfeito  
da pobre consciência humana.

E há pouco, quando um labeu  
cobria a Pátria, surgistes  
a mostrar aos olhos tristes  
a doce *Porta do Céu!*...

MOREIRA DAS NEVES.

EUGENIO d'Ors contava há pouco no « A B C » de Madrid a seguinte anedocta :

«Um velho lobo do Mar, convidado por um amigo a beber *una copa* de rum, torceu o nariz :

— « Não tomo, por diversas razões ».

E explicava-as :

— « Primeira — porque me não apetece ; segunda — porque me faz mal ; e terceira . . . terceira . . . porque já bebi esta tarde *media decena de copas !* »

Ora, como toda e qualquer historia, esta possui a respectiva dose de moralidade, — e o descobri-la é mais simples do que esvasiar uma *copa*.

meus lábios a tentação « porque me fazia mal ».

Não tenho estomago para as comidas fortes. E já um velho medico — Deus te fale n'alma! — me aconselhava, paternal, que não deve nunca « contrariar-se a naturêza ». Não a contriarei.

Mas sobre estas duas razões — e ambas são de peso — ha uma outra, a terceira, que vale quanto pesa.

E' que eu já tomei *una decena de copas !*

Experimentei a tisana que por bem me aconselharam, — e dei-me mal. Ou fosse porque o farmaceutico se enganasse no aviamento ou porque eu me enganasse nas doses



PORTO — A pequena Isaura adoptada pelo 4.º ano de Medicina. E' filha de uma pobre mulher hospitalizada por sofrer de paralisia.

Descubro-a, e aplico-a imediatamente como resposta a um amigo que me pede que « escreva sobre politica » . . .

De politica, [meu caro senhor, não tomo . . . nada. E não tomo nada pelas razões seguintes — que são copiadas do velho lobo do Mar de Eugenio d'Ors :

Primeira — porque me não apetece ; segunda — porque me faz mal ; e terceira . . . e terceira porque já emborqueei uma catorzada de *copas*.

A gente, meu caro amigo, póde sentir-se com vocação para tudo, tudo, — menos para qualquer coisa ; ora uma das coisas para que eu me sinto verdadeiramente inapto é para a politica. E eis porque me « não apetece ».

Mas que me apetecesse ? Retiraria dos

a tomar, — ia morrendo da cura. Salvou-me a dieta.

A minha politica — porque a tenho ! — não é minha : é a da minha Patria. Não é politica — é Política. Está para alem das paixões mesquinhas que tresloucam os homens.

Quando falo de Portugal, defendendo-lhe o patrimonio moral, tradicional, prégando a sua reintegração no seu sentido histórico ; quando, pelo que escrevo, invoco as virtudes antigas da Raça ; eu não sirvo « correntes politicas » nem « politica . . . de correntes », mas a Política da Terra de Portugal,

E aqui tem o meu caro amigo como, anotando a anedocta de Eugenio d'Ors, lhe descobri a « moralidade » da minha atitude politica . . .

TEIXEIRA PINTO.

# A Religião e as Praias

Cada vez mais a vida das praias se vai tornando um reflexo da vida das cidades, com a agravante de que a corrupção moral, por um contacto mais estreito com a natureza, assu-



CASTRO DAIRE. — Na Pombeira uma queda de agua.

me naquelas mais graves proporções, levando por vezes à estreme animalidade.

Se desdobrarmos, com efeito, numa análise perfunctória, a vida elegante das praias, ela aparecer-nos-á rigorosamente como manifestações muito nítidas da concupiscência, que Santo Agostinho dizia ser, definindo-a com justeza, o amor desordenado de nós próprios, da carne e do mundo, até o desprezo de Deus.

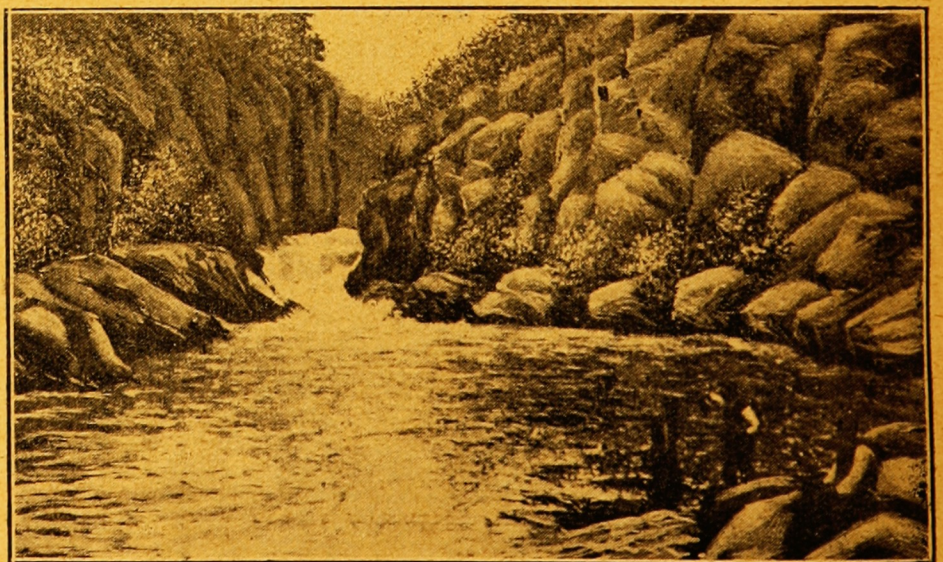
O banho, pela sua natureza e sobretudo pelo exagêro da indumentária que lhe é pró-

pria, tornou-se uma isca de repugnante sensualidade, não hesitando eu em afirmar que os pagãos eram às vezes um pouco mais prudentes! E entretanto, se o espírito cristão contivesse os baixos apetites, levantando a vontade, essa fase da vida litoral podia ser simultaneamente fecunda para a alma e para o corpo, enchendo aquela da maravilha das leis físicas e dando a êste o indispensável robustecimento para bem agir.

A estada consuetudinária na praia, pela tarde, é empregada com mórbido prazer na mais refinada maledicência, divulgando-se homicidamente a vida alheia, no prurido sempre insatisfeito de superiorizar por modo intangível, a própria personalidade! Mas quão salutar seria essa legítima sociabilidade, se o espírito evangélico lhe comunicasse aquele sentimento que abranda os corações, unindo-os intimamente e tornando-os assim palpitações do mesmo sentir!

Depois a noite abre as salas, e o jôgo aqui e a dança acolá perfazem a jornada luxuriosa com que se viveu a civilização... irracionalmente. E êste epílogo vil vai ainda carcomer as pobres energias subtraídas, à dissipação diurna. A transição, porém, da sábia vida natural (que devia ser a verdadeira vida das praias) para a vida interior far-se-ia com elevação moral, se a fé católica espiritualizasse convenientemente tais recreações, convertendo-as de fins em meios do aperfeiçoamento constante a que nos devemos submeter, em alcance da vida sobrenatural para que fomos criados.

Assim se passaria a época balnear num



CASTRO DAIRE. — Poço dos Molgos.



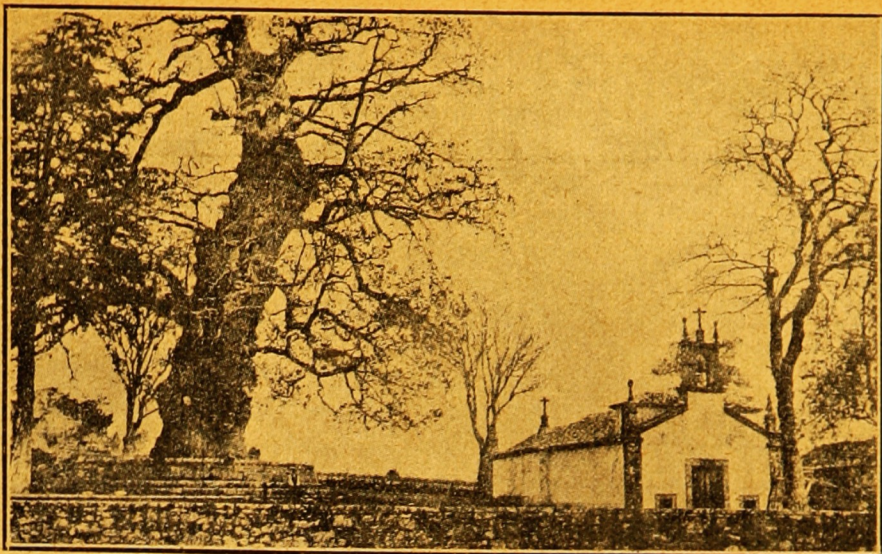
justo refazimento das forças morais e físicas, depauperadas pelo labor social; mas para atingir praticamente este desiderato é preciso levantar a mentalidade social.

Crise das crises, como lhe chamou algures António Sérgio, só a Igreja pôde resolvê-la, reacendendo na animalizada alma contemporânea a fé pura e simples, única força capaz de alçar o homem acima de si mesmo.

Criar, pois, pela fé novas energias espirituais e submeter a estas os baixos instintos, tal é o ponto de partida para a tão falada e desejada regeneração da sociedade. O problema social está pôsto duma maneira muito clara, que a experiência tem ratificado e cada vez mais ratificará: O progresso moral deve ser directamente proporcional ao progresso material.

Para este difícil como indispensável equilíbrio temos de operar todos nós que timbramos em ser católicos práticos, empregando os meios mais consentâneos com as nossas forças e aptidões, sem respeitos humanos nem desfalecimentos perante a grandeza crescente da corrupção social.

E não vá sem dizer os efeitos maravilhosos que tem produzido este equilíbrio, pela natural fragilidade humana quasi sempre instável. Ainda há umas dezenas de ânos a praia da Granja era modelar, pelo modo tão finamente espiritual como o falecido Bispo de Betsaida, D. António Aires de Gou-



CASTRO DAIRE. — Carvalho e Capela do Mosteiro.



VIZEU — Uma minhota que é um Beirão.

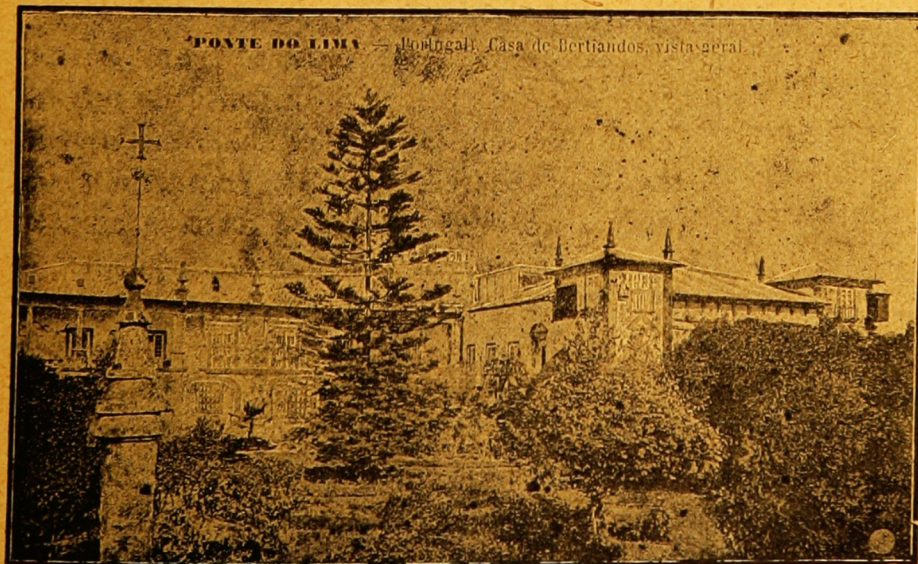
(Fot. A. Vicente).

veia, fundia o mundanismo elegante com a fé cristã. Com a sua dição castiça o estético prelado mantinha junto de si, numa aprazível docilidade, o que havia de mais fino em Portugal (não tanto pela aristocracia de estirpe como pela do espírito, que não é privilégio de nenhuma casta). O espírito cristão justamente equilibrado com uma superfina cultura clássica dirigia superiormente aquele mundanismo, desviando-o dos escolhos da concupiscência.

Não pretendo opor esta requintada vida à vida que hoje se vive nas praias; seria um sarcasmo! Mas não posso deixar de insistir que só o espírito cristão (que ainda existe excepcionalmente, para confirmar a regra, na colónia balnear) é capaz de levantar a soez mentalidade contemporânea.

De facto, o catecismo diz-nos, na sublimidade da sua linguagem simples, que o temor de Deus, sétimo dom do Espírito Santo, é o verdadeiro princípio da Sabedoria: «*Timor Dei initium Sapientiae*».

ANTÓNIO MENESES.



Pequeno terreno bem cultivado produz mais que a grande herdade abandonada.

— A cobra avilta a pessoa que se deixa dominar por ela.

# Como se morre e como se vê morrer

## A' Memoria de uma alma de eleição

*Abigail Amorim viveu pouco, mas a vida breve que viveu abriu em florações encantadoras, que perduram luminosas, atraindo a muitas outras almas e elevando-as a uma atmosfera superior, enchendo-as de Céu.*

Do *Diario do Minho*, n.º 2508, de 24 de Fevereiro p. p.

Bom leitor, não invejes a morte de Nero nem a de Socrates; inveja antes a de S. Francisco de Assis e a de Ludovina de Schiedan, que penou 36 anos em dolorida agonia.

Porque, afinal de contas, a grande sabedoria está em *saber fechar os olhos na luz*



*e no amor de Deus.* Aquele que, inebriado de gôso e prazer terrenal, só sabe refocilar-se no lodo das mais nefandas satisfações sensuais, descrendo de Deus e do futuro de si mesmo, esse não diga que é sabio, não diga que é feliz, não diga que é homem. Assentam-lhe às mil maravilhas as palavras do sensato Calderon :

*Es hombre vil, es infame,  
El que, solamente atento  
A lo bruto del desco,  
Viendo perdido lo mas,  
Se contentó con lo menos.*

O menos, neste caso, é o lodo, é a sen-

sualidade, é a torpeza, é a infamia do pecado. Rabindranath Tagore, o sublime poeta indiano, cuja escola estamos longe de aplaudir, pinta no seu *Ghitanjal* a travessia da vida, e a certa altura diz assim :

*Muito durará a minha viagem; longo é o caminho.*

*O viandante deve bater a todas as portas antes de chegar à sua: é preciso errar através de todos os mundos exteriores antes de chegar ao sacrario.*

\*  
\* \*

A travessia de Abigail Amorim por este vale de lágrimas, apesar de não ser longa, ficou assinalada pelo vinco de uma virtude sem mescla, dessas virtudes que se impõem à primeira vista. Há longos anos que o virus a contaminava e lhe cercejava energias; e ela, sempre sorridente, airosa, satisfeita, parecia contrapôr-se aos dictames da sciência que a condenava, e espalhava em torno de si a alegria, a vida, a consolação. Ia-mos vê-la no intuito de a animar e confortar, e eramos nós que saíamos confortados e animados. Aquele sorriso cheio, sereno, pacifico, celestial, tinha o condão de nos fazer vibrar a alma e de nos soerguer ao mais elevado sentimento. Uma resignação assim não podia ser senão o efeito seguro de uma virtude invulgar.

A doença que prostrou para sempre aquela flôr de peregrino brilho, é de sua natureza demolidora e desanimadora; quebra todas as energias morais, porque o pobre doente sente-se morrer a cada momento; morre aos pedaços, como disse alguem.

Mas Abigail Amorim, olhos sempre postos em Deus, nunca desanimou. A sua doença aproximava-a mais e mais de Deus, e isso dava-lhe arrebatamentos de entusiasmo e arroubos de amor supremo, desse amor que para o mundo é loucura e é mistério.

Vimo-la poucos dias antes do seu dítoso

passamento. Depois de receber o Jesus da sua alma, ficou horas esquecidas deante do sacrario, ora ouvindo embevecida de gôso as leituras que lhe fazia a mãe idolatrada, ora cravando os olhos cavos e refulgentes naquelle pequenina porta donde lhe vinha a vida, o conforto, o amor...

Horas depois, a nossa doente, posta a uma janela, donde a vista se espraiava pela bela natureza ridente, já a anunciar primavera nas violetas perfumadas e nas boninas singelas, — a nossa doente, digo, recebia a visita de algumas pessoas de intimidade da familia.

Quando lhe perguntaram como ia de saude, não disse palavra, mas sorriu. Era um daqueles sorrisos eloquentes, tão seus, que diziam tudo. Podia lá sofrer as miserias da terra, quem tinha assim um sorriso calmo, satisfeito, celestial, denunciador de um contacto íntimo com o Deus do Horto das Oliveiras e do Gólgota?

\*  
\* \*

Tinha os seus dias cheios. O seu exemplo e o seu apostolado fizera escola: no silencio e na modestia desenvolvera, em verdes anos, uma actividade religiosa que era



AVEIRO — Estatua de José Estevão Coelho de Magalhães.

(Fot. D. Francisco Tavarede.)



AVEIRO — Canal dos Mercanteis.

(Fot. D. Francisco Tavarede.)



SEVILHA — O Santo Cristo da Agonia é transportado para a capela do Patrocinio.

um assombro muito para espantar naquela idade e naquele meio tão falho de dedicações generosas.

Agora podia ir para o Céu, porque o seu exemplo já ficaria, entre as irmãs no apostolado, como um código e como um incitamento eficaz. E lá se nos alou, no mês da Virgem de Lourdes, com as mãos cheias de merecimentos e a alma cheia de candura. Passara pelo mundo como a aguiá pelo espaço; nada do mundo a contaminou.

Almas assim deixam saudades e fazem falta, imensa falta. Mas consolemo-nos. Quando foi a enterrar a nossa querida e virtuosa donzela, aquela massa compacta, onde estava o que de melhor há em Braga, disse-nos tudo no seu silencio e no seu porte. Aquilo não era um enterro, era um triunfo, era uma apoteose.

Não desanimemos. E' mais uma protectora que pede por nós, miseros joguetes à mercê das vagas alterosas deste mundo traidor.

Consolara-nos nesta esperança um gesto muito simples, mas significativo, das irmãs de Apostolado que Abigail Amorim

gail Amorim não precisa só de ser imitada, mas também de ser chorada com as lagrimas da nossa intensa bondade. Saudade dela e do Céu, onde todos nos havemos de juntar um dia...

A. VIEIRA.

## Feliz recompensa

Da riqueza do não querer, nem vos hão de pedir conta os homens, nem vós a haveis de dar a Deus; antes o mesmo Deus em prémio de vosso não querer vos ha-de dar aquela única bemaventurança, na qual tereis tudo o que quizerdes, e nada do que não quizerdes.



SABADELL — Inauguração do campo de recreio da Congregação Mariana

# Conselheiro Augusto Carlos Cardoso Pinto Osorio

PASSANDO no dia 6 de Abril o 8.º aniversario do falecimento do Conselheiro Augusto C. Cardoso Pinto Osorio, e desejando a *Ilustração Catholica* prestar uma mere-

cida homenagem a essa illustre e veneranda figura de minhoto, transcreve, com a devida venia, e quasi na integra, um artigo que appareceu ha cerca de dois anos nas columnas do jornal «O Realista», dos Arcos de Val-de-Vez, por occasião da imposição do nome do Conselheiro Pinto Osorio, a um dos largos de aquella vila.

Registando, muito ligeiramente, alguns traços biographicos do integerrimo magistrado, diznos o autor desse artigo :

«O Conselheiro Augusto Carlos Cardoso Pinto Osorio nasceu na antiga Casa da Breia, freguesia de S. Paio de Jolda (Arcos de Val-de-Vez) a 1 de Janeiro de 1842, sendo filho de José S. Cardoso Pinto de Moraes Sarmiento, Cavaleiro da Ordem de Cristo, Senhor da dita Casa e Capela anexa do Senhor dos Aflitos, por varias vezes administrador



deste concelho e do de Ponte do Lima, e de D. Francisca C. Coutinho da Cunha Osorio; neto paterno do Coronel de Milicias Manuel José Cardoso Pinto, Cavaleiro Professo da

Ordem de Cristo, Snr. da Casa da Breia, e de D. Umbelina Gertrudes da Piedade de Moraes Sarmiento; e pela parte materna de José Antonio da Cunha Osorio Coutinho, administrador do antigo vinculo da Pousada em Cepões e, pelo seu casamento, do da Casa Grande da rua do Arrabalde de Alem da Ponte (Ponte do Lima) e de D. Maria Joaquina da Cunha e Tavora.

Casou, em 1861, com sua prima coirmã D. Amelia Coutinho Osorio Portocarrero, nascendo desse matrimonio o Ex.º Snr. Dr. Artur Cardoso Pinto Osorio, actual representante desta familia.

Ilustre pelo seu nas-

cimento, o conselheiro Augusto C. Cardoso Pinto Osorio foi-o mais ainda, talvez, pelo brilho da sua intelligencia, pela rectidão do seu caracter de espartano, pela distincção das





VIZEU. — O primeiro team do Lusitano Foot-Ball Club «Os Trambelhos», Campeão de Vizeu, que se bateu com o Boavista do Porto.

(Fot. A. Vicente)

suas maneiras de homem de sociedade, que faziam dele, mesmo depois de velho um *charmeur*, pelo encanto da sua convivência e pela bondade do seu coração. E foi sobretudo pelo coração que ele viveu — ele que foi um afectivo e um sentimentalista!

Formou-se em direito e seguiu a magistratura pelo Ultramar, onde muito se distinguia promovendo a abolição da escravatura em Cabo Verde, por meio duma representação dirigida a S. M. El-Rei o Senhor D. Pedro V, que foi atendida, e pugnando pelo prestígio da magistratura judicial. Teve para isso de sustentar combates em que a sua beca de juiz por vezes se transformava na armadura faíscante e brunida do paladino.

Dir-se ia um cavaleiro de antanho quebrando lanças por sua dama — a Justiça — e atacando a golpes da sua boa espada todas as tiranias, rebelando-se contra todas as opressões, desagrandando os fracos e os desprotegidos e abatendo os soberbos.

Ascendeu ao mais alto cargo que lhe era dado atingir na sua carreira — a Presidente do Supremo Tribunal de Justiça —, sendo incontestavelmente, no século XIX, e entre nós, a figura de maior relevo e a mais interessante da chamada *nobreza togada*. Mas não foi só ilustre como magistrado, redigindo sentenças modelares que o fizeram justamente considerar o primeiro Juiz do seu tempo, no seu paiz; também cultivou delicadamente as belas letras, deixando-nos livros de memórias em que evoca com enternecida saudade a Coimbra do seu tempo e os bri-

lhantes companheiros que por lá teve; João de Deus, Antero de Quental — a chamada geração romantica.

A consideração e o respeito de que viveu rodeado foram grandes — mas sempre recusou todas as honrarias e mercês honorificas com que, por vezes, o quizeram com justiça distinguir.

A politica nunca o seduziu.

Na sua vida uma só ambição teve, uma coisa quiz ser unicamente — Juiz!

Nada aceitou.

A propria Grã-Cruz de Cristo, cujo decreto chegou a vir publicado no *Diario do Governo*, se recusou a aceitar.

Depois da sua morte alguns dos seus amigos, publicaram-lhe um *In-Memoriam*, por iniciativa dos Snrs. Conde da Aurora, Dr. Antonio de Magalhães Barros de Araujo Queiroz e Gonçalo de Abreu Pereira Coutinho. Nele figuram nomes como os do Conselheiro João Franco, Dr. Ricardo Jorge, Conde de Bretiandos, Conselheiro Antonio Cabral, Dr. Magalhães Lemos, Dr. Ferreira da



VIZEU. — A lareira.

(Fot. A. Vicente)



PALMAZ — (Pinheiro da Bemposta) Antiga ponte romana sobre o Caima.

(Fot Arnaldo Miller).

Silva, D. Branca de Gonta Colaço, D. Ana Guedes, Dr. Antonio Baião, Dr. José de Sousa Machado, José Caldas, João Gomes de Abreu e Lima, Dr. José Leite de Vasconcelos, Conselheiro Pinto de Mesquita, José de Sousa, Conselheiro Malheiro Reimão, Dr. Alfredo da Rocha Peixoto, Dr. Vicente Monteiro, Dr. Antonio Lacerda, Dr. Jacinto Nunes, Conde do Almarjão, Visconde de Carnaxide, Dr. Antonio Ferreira, Conselheiro Silva Matos, Dr. Almeida Azevedo, etc.

O Dr. Cunha e Costa leu o seu *Elogio* na Associação dos Advogados de Lisboa, de que era socio. »

\*

«E lá jaz, no pequeno Cemiterio de S. Paio de Jolda, na terra que tanto amava e de que foi sempre o desvelado protector, esse homem que passou pelo mundo dispensando rectamente a Justiça, num gesto luminoso de Beleza e de Bondade, cercado-se das amizades mais fortes — que as teve em todas as classes sociais, desde as mais humildes, — e recusando orgulhosamente mercês.

Grande e nobre exemplo ! »

São palavras de Justiça essas que aí ficam transcritas. São poucas — por-

que mais não comportava a indole restrita de um artigo. O autor deste não pretendeu, ao escrevê-las, fixar todos os aspectos da distinta figura que as inspirou, pois essa, de grande e interessante que é, daria assunto para volumosos livros. Uma faceta porem da sua bela fisionomia moral — uma das mais marcantes e de maior relevo que temos conhecido — queremos fazer aqui realçar: o Conselheiro Pinto Osorio foi um catolico sincero e praticante, tendo vivido e morrido no seio da santa religião em que o educaram. Que Deus dê o eterno descanço à sua alma !



PALMAZ — Nas margens do rio Caima.

# João Feio das Neves Pereira

Faleceu na quinta-feira passada, que se contaram 22 de Março corrente, o antigo director do Banco do Minho, sr. João Feio das Neves Pereira.

Entrado para aquela casa bancária em 1874, de tal modo desempenhou as suas funcções que rápidamente subindo na categoria de empregado, veio a ser eleito para a direcção, cargo que durante 35 ânos exerceu, contribuindo para o



prestígio que o Banco do Minho conquistou nos meios financeiros, pois a sua gerência se inspirou sempre nos princípios de afável benevolência e de inconcussa honestidade.

Ao fim de 35 ânos de trabalho útil à cidade e ao comércio local tanto como à casa que dirigiu, pedira a escusa do seu cargo, porque o estado, já melindroso, de saude não lhe permitia continuar a exercê-lo.

E' um modêlo de dignidade e de camaradagem a carta com que se des-

pediu do seu Banco, e que a Assembleia Geral acolheu com uma significativa homenagem que muito bem frisou a alta consideração que a todos merecia. Um mês apenas se passou sôbre essa homenagem, que o sensibilizou profundamente. Após esse breve período, a morte o recolheu, confortado no último transe pelo Sacramento da Igreja.

O sr. João Feio das Neves Pereira era viúvo de D. Amélia Júlia de Barros Pederneira, e deixa dois filhos: D. Elvira Amelia Pederneira de Sá Neves Pereira, e dr. João Valério Neves Pereira, advogado em Lisboa. Almas de artistas, a um e outro deve a «Ilustração Católica» valiosa colaboração, com mimosas poesias e finos desenhos que muito tem enobrecido as nossas páginas.

Aos nossos ilustres colaboradores, agora enlutados por tão sensível perda, apresentamos as mais sinceras condolencias.



## A Anunciação

e as tradições ibericas

O arcanjo Gabriel, mensageiro de Deus, guarda dos celestes tesouros, com o rosto fulgurante côr de aurora, louros e compridos cabelos que se perdem nos esplendores do firmamento, azas de nacar e ouro e vestidos côr de esmeralda como o pintam as tradições orientais — foi o encarregado de anunciar a Maria a Encarnação do Filho do Eterno saudando-a «Ave, cheia de graça», e transportando em suas mãos o simbolico ramo de açucenas, cuja nivea brancura e delicados aromas, figuravam o ser virginal da Mãe de Deus.

E assim devia ser para aquela que devia receber em seu seio o sol de justiça, da verdade e da vida. Maria era a casa de ouro, o templo de Salomão, o Tabernaculo do Altíssimo, a arca da aliança, o altar do incenso, a sede da sabedoria, a cidade santa, a estrela de Jacob, a porta oriental, o paraíso, a fonte, a rosa de Jericó, o arco-iris, a sarça ardente, o velo de Gadeão, a vara florida, o mel de Sansão, a bela Ester, a torre de oiro, a pomba da arca, e outros epitetos que a Sagrada Escritura lhe consagra.



Era a Virgem formosa da primitiva revelação, cuja tradição ainda que alterada, levaram por toda a parte as tribus dispersas no Senaar. O seu nome entremostra-se na jovem divina das genealogias míticas do Tibet, na japonesa ninfa dos deuses, na sublime deidade da China que concebe ao contacto das flores dos nós; a virgem dos Samas, mãe do príncipe legislador, a Rainha celeste de Sião fecundada pelos raios do sol, a Isis, virgem-mãe dos egípcios; a mulher pura dos brahmas, a Mãe de Zerdascht, a Estrela do dia das tradições persas, a Mulher-bela dos macedonios do Paraguay, são recordações étnicas da primeira revelação de Maria.

A' grei judaica foi profetizada a conceição divina de Haalmah. Os seus videntes, descerrando o veu que cobria o futuro, recordaram-lhe a promessa do Eden, a Virgem que daria à luz o vencedor definitivo da serpente tentadora.

Misterios cercam por toda a parte a humanidade; mas quanto são grandiosos os que pertencem ao plano divino da Redenção! Inefabel misterio o da Encarnação. A graça divina enche Maria, o Espirito Santo a cobre com os seus resplendores e sem concurso de varão concebe a Jesus, o Verbo Divino que se une hipostaticamente à natureza humana, realizando este assombro da benevolencia do Senhor: — um Homem-Deus.

Tal misterio devia naturalmente atrair a devoção, a piedade da Igreja. Em torno destes misterios formou-se um esplendido circulo de festas.

O advento, é todo ele uma continuada festa da Incarnação. A Igreja como se sente grávida de Cristo, que vai celebrar, e adoração encerrado no seio de Maria, — o templo em que Deus se fez sacerdote. E deste modo o Advento é um continuado Mês de Maria, celebrando os mais belos episodios da vida da Mãe de Deus.

A meio do Advento, a Igreja celebra a Anunciação numa das suas ferias mais belas.


Mais tarde razões cronológicas inspiraram a duplicação dessa festa, repetindo-a em 25 de Março, nove mezes certos antes da festa do Natal.

Na peninsula hispanica foi celebrada desde muito cedo a festa da Anunciação. Já a igreja bracarense ou suevica e toda a visigotica a celebravam. Fixaram-na os concilios de Toledo e popularizou-a Santo Ildefonso. E pode afirmar-se tambem que ao celebrar a Conceição do Filho de Deus, os nossos antepassados dos seculos VI e VII já formulavam tambem a sua crença na Conceição Imaculada de Maria, como se vê no preambulo do XI Concilio de Toledo, em tempo do rei Vamba.

Não é, porem, a festa da Imaculada Conceição e as suas remotas origens que hoje nos moveram a escrever estas linhas, mas a festa de hoje, a da Anunciação e Encarnação de Jesus, que, com o dogma da Virgindade, perpetua de Mariã, tão cõra foi aos nossos antepassados, e tão ardentemente defendeu S. Ildefonso, como referem e crónica de Sixila, seu contemporaneo e fixaram as lições dos livros litúrgicos suevicos, visigodos e musarabes, perpetuados na colectanea do Cardeal Lorenzano.

O nome de Terra de Santa Maria, bem pertence a toda a terra portuguesa e a toda a peninsula iberica que é toda ela um feudo, um reino daquela a quem o Anjo Gabriel saudou com o nome gracioso de cheia de graça e companheira do Altissimo: *Ave. Maria, gratia plena.*

---



---

## Terras de Portugal

---

### Castro Daire

E' muito pitoresco este concelho, em que ha trechos de paisagem formosissimos, alcandorada a vila sua cabeça na crista de um monte da Beira Alta a meio caminho de Vizeu e de Lamego. Montes alterosos, e vales cariciosos, onde serpeiam fios de agua cristalina. Castro Daire possui magestosos edificios religiosos, templos grandiosos que foram de ordens religiosas e agora estão entregues à autoridade paroquial.

### Aveiro

Já por varias vezes nos temos referido a esta cidade, a mais mimosa das terras portuguesas pela sua posição excepcional, beijada de apraziveis cursos de agua, e cortada de canais que a transfiguram, reproduzindo-a nos seus tersos espelhos. Nada tem Aveiro que invejar — salvo obras de arte — a outras terras de fama universal e de posição semelhante. Mas, sendo assim ajudada pela natureza não o é do carinho dos nossos costumes mais habituados a exaltar as belezas dos extranhos, do que a louvar as proprias, sendo que Portugal não é, sob nenhum aspecto inferior aos outros paises. Aveiro, às suas qualidades de beleza natural junta algumas aprimoradas obras de arte, dignas de visita. Entre elas deve citar-se a estatua de José Estevão, com a qual prestou justa homenagem ao seu filho, grande tribuno português.

# ANECDOTAS HISTORICAS

## Gesto escondido!...

Em Palmela faziam uma festa rica chamada o Bodo. Dois marítimos de Setúbal concordaram ir a ela, ataviados com ricos vestidos novos, e combinaram então entre si intrigar os de Palmela, fazendo-se passar por capitalistas em viagem, pelo que haviam de fugir de palavras que denotassem a sua profissão. A isto dispostos, chegaram a Palmela à igreja da festa, e reparando na pia da água benta, disse um para o outro: — Ai home, que ela está praiamar!

## Proeza de patos

Um estrangeiro que foi a Esparta se gabava de estar muito tempo sôbre um pé só. E perguntando a um lacedemónio se era capaz de fazer outro tanto, respondeu o espartano: — Eu, não; porém aqui não há nenhum pato que não faça essa proeza.

## Palavras e obras

Caindo certo indivíduo no poço um seu visinho que acudiu, o lamentou: — O' desgraçado, como caiste no poço?!

— Mais me valerá — disse o de baixo — que procures meio para que eu possa sair!

## Choroso com os que choram

Morto Carlos I I de Castela, se juntaram os conselheiros do Estado para abrir o testamento. Os embaixadores do Império e de França assistiam ao acto, e eram pretendentes à corôa os respectivos monarcas. Viu-se então que deixava o reino, à casa de Bourbon, pelo que todos abraçaram o embaixador de França; porém o Marquês de Porto-Seguro foi abraçar o do Império. Causando estranheza a acção disse êle: êste abraço, senhores, é abraço de despedida.

## Orador conceituado

Prêgava certo frade com muita aceitação, porém murmurava-se de que seu irmão, Lucas do Amaral era quem lhe compunha os discursos. E disse um: Bem me parece que prêga *Secundum Lucam*.

## O exêmplo

Preguntaram a Menedemo se era decente a um sábio o casar-se. E êle volveu: — Que conceito fórmias de mim? — Que és sábio respondeu o interlocutor. — Pois, amigo, eu sou casado, terminou o filósofo.

## Isso é que era milagre

Um supersticioso romano achou de manhã que os ratos lhe haviam roído uma meia durante a noite e foi consultar o caso com o ilustre Catão.

Este, porém, o tranquilizou, rindo: — Amigo, não é maravilha que os ratos roessem a meia: se a meia tivesse roído os ratos, êsse sim que seria caso extranhavel e milagroso.

## Leitura de quaresma

Sendo Vice-rei da India o Almotacé-mór lhe fizeram uma satira e como chegasse a seu conhecimento na quaresma, a pediu: — Quero-a ver, disse, que me servirá de exâme de consciência para me confessar por ela.

## Não é o mel...

Diziam a certo indivíduo que um outro tinha grande perfeição nas letras gregas, latinas e hebraicas, porém êle suspirou: — se fôssem de câmbio!

## Ornato mulheril

A Teopompo, mostrando-lhe os formosos muros de uma cidade, lhe perguntaram seu parecer. E êle respondeu: «Não tem necessidade de mulheres». Entendia que o ornato era de natureza feminina.

## Bom marco fronteiroço

Preguntaram a Agesilau até onde chegariam os limites de Lacedemónia. E êle prontamente respondeu brandindo a sua lança. «Até onde esta chegar».

## Ora toma!

D. João I levantava o cêrco que puzera a Coria, e lamentou-se aos fidalgos que iam com êle: — Grande falta nos fizeram aqui os cavaleiros da Tavola redonda, que se aqui foram, não levantaramos o cêrco desta cidade sem a render.

Mem Rodrigo de Vasconcelos, que era um daqueles, volveu logo: — Mais me parece que não faltaram, pois aí está Martim Vasques da Cunha, que é tão bom cavaleiro como dizem que foi Galaas; Gonçalo Coutinho que é tão bom como Tristão; João Pacheco que nada deve a Lançarote; e eu que não valho menos que qualquer deles. O que é certo, Senhor, é que faltou o bom rei Artur que os sabia estimar e animar.